

CAVRELL, Holly. **Posso Dançar Pra Você?**<sup>1</sup> Campinas: Unicamp, Mesa Temática. Coordenação: Holly Cavrell. II Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena UNICAMP, Campinas, Unicamp, 2014.

### RESUMO

“Posso Dançar Pra Você?” é uma intervenção urbana da Cia. Domínio Público idealizada para espaços públicos com grande fluxo de pessoas. Na fronteira entre a dança contemporânea, o teatro e a performance, a intervenção busca compreender os limites sutis entre o cotidiano e o poético. A criação do trabalho transitou entre a estruturação de materiais em sala de ensaio e experimentações em praças e calçadas da cidade de Campinas. O roteiro e o conteúdo temático do espetáculo, foram criados em função das experiências vividas entre o elenco criador, o espaço e as pessoas que transitavam pelos locais escolhidos. O trabalho trata de incorporar a rua como transformadora real do trabalho, no exato momento em que ele acontece.

**Palavras-chave:** rua, transformação, interdisciplinaridade.

### ABSTRACT

May I dance for you? "Is an urban intervention by the Public Domain Co. idealized for public spaces with large flow of people. In the division between contemporary dance, theater and performance, this intervention seeks to understand the subtle boundaries between the everyday and the poetic. The work process moved between the structuring of creative material in a closed environment and experiments in squares and promenades of the city of Campinas. Such material, as well as the plan of action and the thematic content of the work was created on the basis of experiences between the cast, space and people transiting the sites chosen. It is about incorporating the street as the real transformative work, the moment in which it happens.

**Keywords:** street, transformation, interdisciplinary.

Desde sua estreia em 2012, a intervenção “Posso Dançar Pra Você?” já fez mais de 70 apresentações nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco e Mato Grosso do Sul. A cada apresentação, o trabalho se reformula e se ressignifica pelas diferenças culturais de cada espaço-tempo, pelas geografias e arquiteturas de cada cidade, pelo cotidiano de cada praça, pela recepção, às vezes calorosa, às vezes desconfiada, às vezes apenas na breve suspensão, daqueles que têm seu caminho momentaneamente interrompido pela intervenção.

Não se tratava apenas de deslocar um trabalho da sala de ensaio para a rua, mas de incorporar a rua como transformadora real do trabalho, no exato momento em que ele acontece. Não é à toa que os bailarinos de fato perguntam: “Posso dançar pra você?”. Estabelece-se, dessa forma, uma relação sensível entre os bailarinos, o

---

1 Trabalho apresentado em Mesa Temática da qual participaram os pesquisadores: Talita Florencio; Sara Mazon; Lineker Oliveira; Leandro Rivieri; Gustavo Valezi.

público e o espaço, promovendo uma reflexão sobre o automatismo das relações humanas, cada vez menos sensíveis e menos percebidas, nos agitados centros urbanos das nossas cidades.

"Posso Dançar Pra Você?" parece ter nascido para promover encontros sem segregações e separações. É uma constante produção de afetos. Afetos que surgem a cada apresentação, a cada pedido e oferta de uma dança ([ciadominiopublico.com.br/home/](http://ciadominiopublico.com.br/home/)).

Não vim aqui fazer propaganda deste trabalho, mas discutir questões de autorias e transformações do corpo do performer em lugares que fogem à concepção de espaços convencionais. O trabalho traz à tona várias discussões sobre a arte em espaços públicos. Ao teorizar a experiência prática de "Posso dançar para você?", examinamos a natureza desses espaços em ambientes urbanos e como a performance nesses lugares aborda a questão de propriedade ou autoria. Uma ponderação interessante surge: quem é o dono da rua e como fazer a arte se encaixar nesse modelo? Qual é a finalidade desta arte, uma vez que sua presença poderia ser interpretada como invasiva ou agressiva em comparação com as idas e vindas regulares dentro de um determinado local? Trazer uma arte de performance para um lugar público requer consciência de que este artista não é um frequentador regular dessa configuração. A descoberta do artista como um anti-herói, um antielitista, aconteceu ou surgiu por meio de algumas experiências negativas iniciais, e marcou a trajetória e eventual propósito deste trabalho. Objetivou-se direcionar o conteúdo claramente e levar a um desempenho significativo, isto é, não apenas um trabalho feito para um palco ou um ambiente fechado; deve haver troca e transformação.

Um tema recorrente no meu trabalho tem sido o de questionar a linha tênue entre o público e o privado. Quando o performer/bailarino pede a um espectador "Posso dançar para você?" no meio de um domínio público, ele está criando uma intimidade entre o artista e o espectador, o que coloca a arte em um contexto ambíguo. Ele estabelece uma intervenção social através de sua imersão no comum. Como um trovador moderno, ele cria outro contexto por meio da permissão do público. A arte provoca, mas também reúne. Bailarino e espectador são transportados para dentro e para fora de contextos diferentes, uma vez que a performance é ao mesmo tempo íntima, bem como efêmera, temporária e espontânea; tudo dentro de um lugar oposto desta in-

timidade.

No público nunca se sabe como as pessoas vão reagir. No contexto do teatro, o público em geral compreende as regras de engajamento, o comportamento esperado. Quando você toma o trabalho fora desse espaço convencional você está entrando em um tipo de acordo social diferente com as pessoas envolvidas com o trabalho. Esse tipo de situação apresenta seu próprio conjunto de belezas e desafios. Os performers se mantêm no estado de alerta.

Gosto de desafiar a percepção que o transeunte tem do uso do espaço, colocando algo inesperado em seu caminho. A forma como os dançarinos se deitam suavemente nas rotas dos pedestres é um exemplo interessante: os corpos dos bailarinos tornam-se parte do ambiente, ao mesmo tempo em que eles o modificam, assim como alteram as trajetórias do público. Têm diferentes momentos de atenção durante a performance e os olhares intuem níveis de ações, camadas de movimentos, intervenções e aquisições. Quando você remove uma plateia do teatro, acredito que suas reações são muito honestas.

Ao atingir tanto os transeuntes quanto aqueles que param para assistir você segue a efemeridade, fragmentos de um roteiro aberto para várias interpretações, e aos poucos consegue chegar a uma confluência de sensações que não deixa de ser um pedaço de nossas percepções enquanto andamos livremente na rua.

Como a maioria das pessoas tem pouca oportunidade de ver a dança de perto, o espaço público para a dança (diferente de locais específicos) pode ser um caminho importante para alcançar novos públicos. Inicialmente, eu comecei a ir para a rua, porque nela eu vi tantas oportunidades perdidas. Em tempos de contenção financeira, sinto que os artistas precisam permanecer visíveis ao público. A ideia de que a arte fora das instituições tradicionais não pode ser levada a sério me faz perguntar o que é que este espaço oferece em termos de movimento e o que posso aprender com este local?

Olhando para a história, trabalhos que se enquadram nessa categoria podem ser datados de experimentos de Anna Halprin em espaços públicos na Califórnia na década de 1950, ou de Simone Forti, Yvonne Rainer, Trisha

Brown e Steve Paxton, em Nova York na década de 1960. Essas pessoas estavam interessadas em romper os limites do espaço do/no teatro e fazer arte onde as pessoas pudessem acessá-lo facilmente. Levar o trabalho para espaços públicos significa que as pessoas podem sentir a relevância da arte em na vida diária.

O “freguês” bem comportado de um teatro segue as regras tradicionais: pagar, sentar, ficar quieto, observar, aplaudir agora... A rapidez na execução em espaços públicos é diferente de qualquer outra experiência que eu tenha realizado. É muito mais desafiador se dedicar a esse tipo de performance, que requer um conjunto diferente de habilidades daquelas que um dançarino tradicional ou comercial precisam adquirir. O teatro pode realmente ser um lugar muito limitante. Tudo tem que ser construído, ao invés de encontrado, e as dimensões são predeterminadas. A hierarquia entre artista e membro da plateia mudou, comparado a quando o membro do público só é capaz de se sentar em fileiras no escuro e olhar para cima ou para baixo para um palco iluminado e elevado. Isso parece desequilibrado para nós, porque hoje estamos interessados em oferecer um outro tipo de experiência.

O imprevisível, decorrência da rua, constrói um olhar mais de livre-arbítrio, tornando o imprevisto um parceiro, um catalisador de invenção. Ao misturar as barreiras entre público e performer e no espaço público, pergunto: quem está assistindo a quem?

Talvez ir para a rua agora tenha a ver com a política de teatro e etiqueta, o financiamento das artes e a necessidade de manter um amplo escopo de criação. Mas, principalmente, trata-se de investir em maneiras que podem se comunicar por meio de nossos corpos, de nossa arte. O fato de que nós procuramos maneiras de perder o controle, afastando-nos de ambientes seguros como o teatro, diz-nos muito sobre a nossa época e a incorporação de elementos de risco, mas também exige que provemos que somos dignos de intervir na vida pública. Eu quero me tornar harmoniosa no espaço e, ao mesmo tempo, transformadora.

## Referências

CIA DOMÍNIO PÚBLICO. Disponível em: <http://www.ciadominiopublico.com.br/home/>. Acesso em 22/09/2014.

DUGGAN, Brittany. Reconsidering Public Space. Disponível em: <http://www.thedancecurrent.com/feature/reconsidering-public-space>, Acesso em 22/09/2014.